

Décadas de problemas no Alto do Cabrito

VIOLÊNCIA
Delinqüência
juvenil aumenta
no bairro sem
áreas de lazer

MARISTELA SAMPAIO

Localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, entre o Lobato e Boa Vista, o Alto do Cabrito há décadas vem acumulando problemas. Ao contrário dos bairros vizinhos, tem apenas uma rua asfaltada e na única escola pública de 1º grau, a Padre Norberto, nenhum morador quer estudar pela precariedade das condições, segundo o presidente da Associação de Moradores do Alto do Cabrito (Amaca), Lúcio Ribeiro dos Santos.

Obstruído pelo lixo acumulado há anos, um canal por onde deveria escoar a água da chuva constitui-se num problema a mais para os 27 mil moradores do bairro. "Qualquer chuveiro por aqui não deixa ninguém sair de casa, porque as ruas ficam intransitáveis", explica Lúcio Santos. Para ele, difícil é listar o que está a exigir solução mais urgente. "Aqui não tem nada. Falta segurança e infra-estrutura", resume.

Praticamente, todos os equipamentos públicos estão instalados na Bela Vista, localidade que já pertenceu ao Alto do Cabrito. A construção de um conjunto residencial na Bela Vista acabou atraindo toda a infra-estrutura para suas proximidades. O contraste entre os dois locais é tão gritante que muitos moradores já promoveram um "movimento separatista". Em Bela Vista do Lobato as ruas são asfaltadas, há duas escolas de 1º grau da rede pública (Mata Pires e Bela Vista do Lobato), um posto policial e é lá também que se localiza o fim de linha dos ônibus.

No Alto do Cabrito propriamente dito, a maioria das ruas não tem pavimentação e os pon-



tos de lixo se multiplicam pelas esquinas. Há um Centro de Saúde, mas estava fechado em plena quinta-feira, quando a reportagem de A TARDE visitou o bairro. "É sempre assim. Dizem que vai estar aberto 24 horas, mas não funciona nem 24 minutos", disse Lúcio Santos.

Uma coisa, porém, Alto do Cabrito e Bela Vista têm em comum: em ambos os locais falta área de lazer para os moradores, o que vem deixando as lideranças comunitárias preocupadas. "Como o transporte é difícil, muitas crianças e adolescentes abandonam os estudos. Como não existe área de lazer, qual a opção que resta para esses jovens?", questiona o vice-presidente da associação de moradores, Antônio Carlos da Silva. "Há crianças que andam por aqui com arma na mão e, como eles dizem, sem medo de ser feliz", conta Carlos Alberto Santos, presidente estadual da organização não-governamental El Shadai, que realiza trabalhos comunitários juntamente com as associações de moradores.

Violência

A preocupação tem fundamento. O Alto do Cabrito ainda não figura entre as áreas mais violentas da cidade, mas é como se fosse uma bomba na iminência de explodir. O parentesco entre os moradores do bairro, que ainda guarda vestígios da origem familiar, contribui para evitar a violência no local. Mas a falta de segurança, infra-estrutura e a chegada de novas famílias, na opinião dos líderes comunitários podem intensificar a prática de crimes, se não forem tomadas providências.



Com uma população de 27 mil pessoas, Alto do Cabrito se ressent da falta de policiamento

Por isso, a Amaca já está oferecendo aulas de computação e planeja implantar cursos de mecânica, manicure, judô, capoeira, dança e ainda está firmando um convênio com uma auto-escola, para proporcionar ocupação oportunidades para a comunidade. Estão sendo construídas também duas quadras de esportes, onde será realizado um trabalho comunitário que atingirá 300 crianças, com o apoio da El Shadai. Enquanto não ficam prontas, as crianças continuam a brincar de bola num pequeno espaço, no mirante da Bela Vista, de onde se tem uma surpreendente vista da cidade, com a clara divisão da cidade alta, cidade baixa a subúrbio ferroviário.

Foto: Luciano da Mata

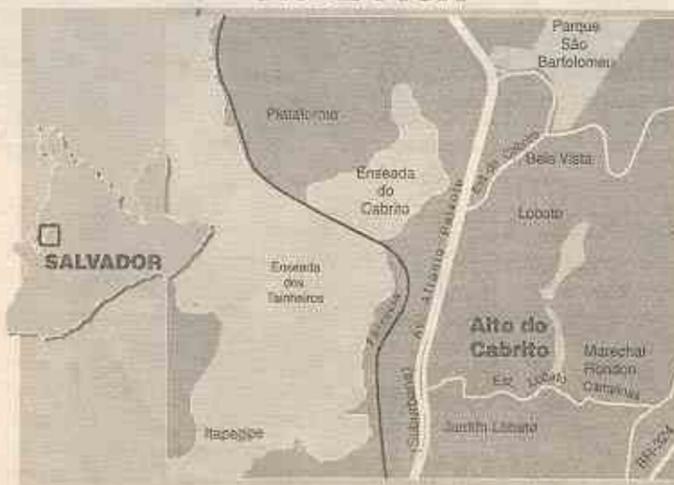
Bairro foi palco de batalha

O Alto do Cabrito surgiu com o nome Getúlio Vargas. Tombado como patrimônio histórico da humanidade, guarda parte da história da Bahia, já que foi palco da Batalha de Pirajá, durante as lutas pela Independência da Bahia. O povoamento do bairro teve início com a chegada, em 1950, da fábrica Sanbra, de beneficiamento de mamona - hoje a Bom do Brasil. Para o abastecimento de água da fábrica, foi necessário represar parte do Rio Camurugipe, formando o Dique de Campinas, que já foi a parte mais importante do bairro e, hoje, está totalmente degradado.

O dique era também fonte de subsistência para as famílias que fundaram o bairro, todas provenientes de Sergipe. A maioria vivia de hortas plantadas ao redor do lago, que abasteciam a Feira de São Joaquim, em Água de Meninos, até o início da década de 90. "Eu lembro que tomava água do dique quando era limpa e gostosa. Tinha lavadeira, jegueiro, abastecia bairros vizinhos e muita gente tomava banho lá", conta o vice-presidente da associação.

Há cerca de quinze anos, com a superpopulação do Alto do Cabrito, as áreas em torno do dique foram sendo loteadas e hoje há casa até onde antes era água. A revitalização do Dique de Campinas é um dos sonhos dos moradores. "Se o governo fizesse aqui o que fez no Dique do Tororó iria beneficiar muito mais pessoas", afirma Lúcio Santos.

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE